

Aliança de cúpula não dá voto. Na França.

As alianças de cúpula que poderão ser firmadas entre os dois turnos das eleições presidenciais deverão ter uma importância apenas relativa se for levada em conta a experiência eleitoral francesa. Não é fácil para um dirigente político contrariar o desejo mais profundo de seu eleitorado, havendo risco de não ser acompanhado. Por isso, na França, temos assistido a muitos dirigentes políticos, mesmo contra vontade, op-

tar por uma candidatura que não gostariam de se associar. A transferência de votos tem ocorrido de forma mais correta junto a partidos de eleitorado mais disciplinado e militante. Por exemplo, o Partido Comunista Francês.

Ainda na última eleição do atual presidente François Mitterrand, maio de 88, os comunistas que já haviam rompido com o governo na primeira metade de seu mandato, passando a hostilizá-lo

abertamente, votaram maciçamente no candidato socialista no segundo turno. Os votos comunistas garantiram a vitória de Mitterrand para um segundo mandato de sete anos. O secretário-geral do PCF, Georges Marchais, que havia passado toda a campanha eleitoral do primeiro turno desenvolvendo fortes críticas contra o chefe de Estado, utilizando adjetivos mais cruéis em relação ao candidato socialista do

que os empregados contra os candidatos conservadores e da direita francesa, para "barrar o caminho da direita", manifestou claramente seu apoio ao presidente socialista.

Se a transferência de votos de comunistas para os socialistas tem sido automática, quase sem defeção, o mesmo não tem ocorrido, pelo menos na mesma proporção, quando se trata de transferência de votos de candidatos socialistas

para os comunistas. Os últimos pleitos parlamentares na França têm mostrado que o eleitorado socialista é muito mais reticente quando solicitado a votar comunista do que vice-versa. Já entre os conservadores, a rivalidade pessoal e de partidos é muito mais difícil de ser negociada. A primeira derrota do presidente Giscard d'Estaing contra François Mitterrand, em 1981, foi precipitada pela ausência de mobilização do eleitorado gaulista, entre o primeiro e segundo turno. Jacques Chirac preferiu apenas sussurrar um apoio a Giscard, fato que levou o ex-presidente a acusá-lo de traição.

Agora, nas últimas eleições presidenciais, uma grande parte do eleitorado centrista não acompanhou o voto da cúpula favorável ao prefeito de Paris, Jacques

Chirac, preferindo acompanhar o candidato socialista, cuja campanha em 1988, ao contrário da anterior que foi marcada pela "união da esquerda", procurou apagar todo e qualquer aspecto ideológico. O medo da presença de ministros comunistas no governo não mais existia, mesmo porque eles passaram pela administração como simples reformistas e não como incendiários.

Por essa razão, hoje, no Brasil, acredita-se que a eventual orientação do PT para votar Brizola, no segundo turno, poderá ser mais facilmente admitida por esse eleitorado mais militante e disciplinado do que o contrário, isto é, a palavra de Brizola para votar Lula, junto a um eleitorado, muito mais dispersivo, menos ideológico e pouco militante.

Reali Jr., de Paris/AE.